

**UMA ANÁLISE LITERÁRIA EM *CAMINHO DE PEDRAS*, DE
RACHEL DE QUEIROZ:
AS REPRESENTAÇÕES POLÍTICAS NA CONSTRUÇÃO DA
PERSONAGEM *NOEMI***

**A LITERARY ANALYSIS IN THE *CAMINHO DE PEDRAS*, OF
RACHEL DE QUEIROZ: THE POLITICAL REPRESENTATIONS IN
THE CONSTRUCTION OF *NOEMI* CHARACTER**

Francisco Jeimes de Oliveira Paiva
Universidade Estadual do Ceará
geimesraulino@yahoo.com.br

*“Há uma ideia matriz neste romance,
e em torno dessa ideia é que vai gravitar
toda a sua ação a da desigualdade
social da mulher.”*
Olívio Montenegro (1953)

Resumo: Este artigo visa a analisar a importância da personagem Noemi na representação política da mulher num contexto histórico-social, em *Caminho de Pedras* (1937), de Rachel de Queiroz, por ser uma obra engajada e esquerdista que trata de questões ligadas, sobretudo às questões de gênero, à miséria, às lutas sociais e às políticas das classes operárias em Fortaleza. Numa premissa teórico-metodológica, avaliamos a construção da protagonista Noemi dentro de uma realidade que ela percorre para conseguir sua liberdade política, social e sexual, em uma sociedade fechada para as vozes femininas e para seus direitos como cidadãs. Dentro desse monólogo de vida, Noemi passou a ter uma trajetória de vida muito precária, sendo que esta mulher guerreira passou ali por diante a lembrar das três pessoas que tanto foram importantes em sua vida: João Jaques, Guri e Roberto, todos longe de sua presença. Entendemos, portanto, que Noemi representa muito bem a alma e a determinação emancipadora em cumprir seu dever como militante de uma causa que era maior que a vida que ela possui, embora tenha sofrido tantas repressões e injustiças, mesmo assim ela caminhava a procura de uma vida melhor, inclusive para outro filho que carregava de Roberto.

Palavras-chave: Rachel de Queiroz. *Caminho de Pedras*. Noemi. Estilo de Escrita Feminina.

Abstract: This article aims to analyze the importance of the character Naomi in the political representation of women in a historical and social context, in *Path of Rocks* (1937), by Rachel de Queiroz, because it is an engaged and leftist work that deals with issues related, especially to gender issues, to poverty, to social struggles and to the policies of the working classes in Fortaleza. On a theoretical-methodological premise, we evaluated the construction of the protagonist Naomi within a reality that she goes through to achieve her political, social and sexual freedom, in a closed society for women's voices and for their rights as citizens. Within this monologue of life, Naomi began to have a very precarious life trajectory, and this warrior woman went on to remember the three people who were so important in her life: João Jaques, Guri and Roberto, all far from her presence. We understand, therefore, that Naomi very well represents the soul and the emancipating determination to fulfill her duty as a militant of a cause that was greater than the life she possesses, although she suffered so many repressions and injustices, yet she was searching for a life, even for another son who carried Roberto.

Keywords: Rachel de Queiroz. *Caminhos de Pedra*. Noemi. Female Writing Style.

Considerações iniciais

Neste momento, objetivamos nesta pesquisa analisar à luz da historiografia literária¹ e da fortuna crítica as representações sociais e políticas da atuação-militante de Noemi sob o crivo do narrador na diegese² de *Caminho de Pedras* (1937), sustentamos a importância da leitura crítica literária³ em que os discursos de uma obra literária se moldam às práticas sociais de um dado contexto situado de produção da historicidade⁴ num dado espaço/tempo ideologicamente marcados pelas diversas interações humanas. Nesse sentido, coaduno com as ideias do crítico literário Massaud Moisés que afirma que “o discurso ostenta o contexto em que se inscreve, polivalência de sentido”⁵.

Esta pesquisa *prima facie* se pauta em delinear as travessias feitas por uma mulher engajada e vítima de uma sociedade marcada por preconceitos e perseguições políticas tão bem caracterizadas pela escrita de personagens femininas, tão além de seu tempo, neste romance de Rachel de Queiroz, por ser uma criação literária engajada e esquerdista que traz à baila uma série de questões ligadas, sobretudo a miséria, às lutas sociais e políticas das classes operárias em Fortaleza, ou melhor, dizendo na região, como a autora mesmo nos situa, ou até mesmo, atingindo uma configuração no âmbito nacional em que as lutas operárias de classes se emergiam e se acirravam.

Além disso, saliento ainda nesta pesquisa a importância da escolha do título da obra que tem acepção metafórica, refletindo o contexto histórico-social no qual a obra foi escrita, sendo que o título *Caminhos de Pedras* se refere aos caminhos tumultuados que a protagonista Noemi tem que percorrer para conseguir sua liberdade política, social e sexual, em uma sociedade fechada para as vozes femininas e para seus direitos como cidadãs. Dessa forma, a palavra “pedras” figurativamente representa as barreiras (os preconceitos, as exclusões, os sofrimentos, as dores e os sonhos destruídos) que a personagem teve que enfrentar para conseguir o que desejava.

Contexto histórico-social ligado à produção da obra: da metáfora do título *Caminho de Pedras* à caracterização do espaço/tempo da diegese

É preciso considerar que a caracterização do espaço temporal acerca da produção da diegese da obra, encontra inicialmente no contexto histórico da praça de Fortaleza, o *locus* necessário a essas atividades políticas e sociais, ambientação essa que se apresenta nos prelúdios narrativos em que o personagem Roberto, militante de esquerda, junto com um grupo de operários se reúnem às escondidas, para debater e estudar a cartilha socialista de lutas contra a hegemonia do capital, tal espaço reflete o tecido social dos interesses dos comunistas em meio as condições de vida das classes dominadas em detrimento das relações desiguais impostas pelo governo brasileiro da época.

Percebe-se esses elementos literários e históricos na descrição deste *locus* de lutas e construção ideológica desses grupos sociais afetados pelo projeto capitalista nacional de exploração do trabalho e no contexto desta obra pelo traço de hipocrisia da sociedade em relação à exclusão,

1 Para Massaud Moisés (2007, p. 15), [...] *o historiador literário* não pode escapar de basear-se nos textos nem conhece meio de fugir (sendo lúcido) à obrigação de submetê-los ao crivo analítico; entretanto, seu alvo não reside nos textos em si próprios, nem na análise, senão no arranjo deles conforme o critério do relógio ou dos estilos, tendo em vista discriminar os 'laços que prendem as obras que integram uma literatura'.

2 A diegese é a ação, o desenrolar da história e representa o universo espaço-temporal no qual se desenrola a narrativa (XAVIER, 2014, p. 204). Para Genette (1971), a narrativa literária, ao mesmo tempo, produz a história e o discurso. Aquela pode ser entendida como a sequência de acontecimentos e a este como a ordem cronológica dos acontecimentos num texto.

3 Em Paiva e Fernandes (2012, p. 160-161), na *leitura crítica literária à luz das teorias bakhtinianas*, vemos que o “discurso é um fenômeno social em todas as esferas de sua existência” (BAKHTIN, 2010, p. 71), e traz para dentro de sua estrutura sintática e semântica outras vozes, outros discursos, igualmente situados social e ideologicamente e que, além disso, ao serem citados, não perdem, de todo, sua forma e conteúdo.

4 “Pode ser definida como a utilização do passado para ajudar a configurar o presente, mas não depende do respeito pelo passado. Pelo contrário, a historicidade significa o uso do conhecimento sobre o passado como meio de romper com ele – ou, pelo menos, de manter apenas aquilo que pode ser justificado em termos de princípios. A historicidade orienta-se, de fato, e em primeiro lugar, para o futuro. O futuro é visto como essencialmente aberto e, contudo, como contrafactualmente condicional relativamente aos rumos de ação empreendidos com possibilidades futuras em mente”. (GIDDENS, 1996, p.126).

5 Vide MASSAUD MOISÉS, 1995. p. 152.

à violência e à submissão da mulher no contexto das lutas de classes no seguinte excerto da obra:

Na praça do Ferreira, Roberto cruzou com o preto Vinte-e-Um, que passou por ele de vista erguida, sem o conhecer. O moço, que já esboçara um cumprimento, espantou-se e foi se irritando. **Depois é que se recordou das conveniências, da tácita combinação que haviam estabelecido, segundo a qual não se deveriam reconhecer intelectuais e operários na rua.** Continuou andando, atravessou os grupos de moças que passeavam de braços dados pela avenida, pintadas e gingando os quadris. Mais adiante, num dos bancos laterais da praça, o grupo de amigos, a “rodinha” já se agrupara. [...]

Roberto encostou, deu boa noite. O judeu o chamou logo para contar a “última do Paulino” que, encolhido e irritado, o xingava de “galego besta”.

— **Imagine que ele olhou para a atriz do cartaz e disse que a gente precisa logo começar a encrenca para ter daquelas mulheres...**

Paulino pulou:

— Mentira! O que eu disse foi: quando é que a gente terá direito de olhar para uma mulher daquelas?

Mas, sem o escutar, o judeu pontificava:

— **Entram para o movimento pensando que há mesmo socialização de mulheres...** E escolhem logo as burguesinhas mais finas, de mais luxo... (QUEIROZ, 1987, p. 28-29, grifos nossos).

Acima estar mais do que evidente a função social que cumpria o gênero feminino no contexto das relações sociais, sobretudo se nota o preconceito arraigado nos valores e nos discursos machistas aqui enunciados. Para tanto, faz-se necessário compreender que numa contextualização histórica, essa obra foi escrita durante a Era Vargas que começa com a revolução de 1930, quando Vargas é conduzido ao poder no dia 3 de novembro e termina com a deposição de Getúlio Vargas em 1945. Por isso, essa obra de Rachel é caracterizada pelo aumento da intervenção do Estado na economia e na organização da sociedade e também do crescente autoritarismo e a centralização do poder. Divide-se em três fases distintas: Governo Provisório, Governo Constitucional e Estado Novo. (RIBEIRO, 2007).

Um aspecto que se deve salientar, *a priori*, refere-se à construção metafórica que o título Caminho de Pedras nos sugere, mostrando realmente as difíceis trajetórias e dificuldades que esses grupos de militantes tinham na luta sociopolítica por melhores condições de trabalho e expressão de suas opiniões e ideologias em seu meio. Em especial, essa obra traduz a real condição da mulher diante de tantas *pedras no caminho*, como vemos nas epígrafes de Olívio Montenegro (1953), *Noemi* é descrita como uma “mulher de vontade firme, acostumado a lutar como um homem pela vida, e não querendo fazer do adultério uma traição”. (MONTENEGRO, *apud* QUEIROZ, 1987, p.XVII).

Podemos notar que esses caminhos tumultuados ligam a protagonista *Noemi* a uma realidade que ela percorre para conseguir sua liberdade política, social e sexual, em uma sociedade fechada para as vozes femininas e para seus direitos como cidadãs. A palavra *pedras* no sentido metafórico representa os obstáculos que a personagem teve que enfrentar para conseguir o que almejava. Se bem que é possível observar que as mulheres participaram das lutas políticas, embora fosse bastante complicado à aceitação delas nas lutas dos proletariados, é tanto que muitas delas foram vitimadas por muitos preconceitos, mormente - por questões culturais já enraizadas - a ideologia hegemônica presente na obra diz que o papel da mulher deve se pautar no cuidar da casa, isto é, da família e não participar de movimentos e cursos ideológicos e socialistas de mudança do sistema de governo existente.

Aspectos concernentes à análise da narrativa: o enredo, o foco narrativo e as marcas estilísticas da escrita de Rachel

No enredo dessa obra, Rachel nos apresenta no começo da *diegese*⁶, o personagem Roberto que vem para Fortaleza com o objetivo de ajudar os companheiros da causa proletária a se organizarem e planejarem suas ações, visando alastrar os ideais revolucionários. Essa situação é bem retratada no trecho: “Roberto procurava reconhecer na cidade, no povo, nas mulheres, a sua velha Fortaleza de há dez anos. Mas o que via era novo, diverso, ninguém o reconhecia, nem ele reconhecia nada. Tudo era estranho, alheio, como num porto de passagem”. (QUEIROZ, 1987, p.3). De acordo com Santos (2012), o foco narrativo de *Caminho de Pedras* é moldado pelo narrador-onisciente e observador em terceira pessoa, como é claramente evidenciado na seguinte passagem:

Na rodinha da praça é que se ia traçando o trabalho preparatório da organização. Isso entre o grupo “de gravata”, os intelectuais, que tinham lazer e facilidade para aqueles encontros. Os operários, esses nunca apareciam ali. Alegavam falta de tempo, mas a verdade é que só nas reuniões é que se sentiam com alma para discutir e ser revolucionários. Nas horas de serviço eram apenas animais de trabalho e as curtas folgas mal lhes chegavam para ir do local do trabalho aos bairros longínquos onde moravam, comer o jantar às pressas, dormir cedo para acordar na madrugada seguinte. (QUEIROZ, 1987, p. 55).

Apreende-se da citação que se ela, a autora, utilizar-se do contorno narrador-observador, com certeza ela utilizaria a primeira pessoa do singular para descrever todo o seu livro, no caso, ela usa a terceira pessoa do singular. De uma maneira geral, o romance é cheio de críticas, mesmo que com um certo ar de ironia, indiretas, a autora aborda a miséria do pobre e a eterna luta por melhores condições. Algumas dessas críticas, principalmente no decorrer do sexto capítulo, tratam da questão da socialização das mulheres. Essas características são vistas na construção da personagem Argelita: “... arrastada por ele, que dele recebera o a-bê-cê ideológico, sob as suas ordens aprendera a vencer a timidez, a gritar nas reuniões, a cantar o hino de guerra nas praças dos comícios, espantava-se e sofria com aquela transformação...”. (p.27).

Nota-se nesse trecho que o narrador tem pleno conhecimento dos fatos e ações que sucedem dentro do enredo. A discussão é feita principalmente com relação à injusta “divisão” das mulheres entre os homens. Também trata da luta entre o pobre e o rico, mais uma crítica sobre a vida dura dos trabalhadores. Por outro lado, quanto às *marcas estilísticas da escrita social de Rachel* vemos que a autora escreve a protagonista como uma mulher muito forte, sendo; pois, uma heroína a seus olhos, haja vista que Noemi decididamente à revelia as mulheres da época, luta ferozmente por aquilo que acredita que é o certo. A escritora Rachel de Queiroz delineia as mulheres com mais força e coragem que os homens, conseqüentemente a figura da mulher passa a ter uma imagem de rebeldia, já que se afasta do comportamento imposto pelos moldes sociológicos e históricos deste período da história brasileira tão conturbado.

O texto literário como fonte de documentação histórica⁷: da socialização das lutas de classes operárias à construção do espaço real de fortaleza no romance

É visível que a obra *Caminho de Pedras*, de Rachel de Queiroz, é um romance que relata a

6 A diegese designa o conjunto de ações numa dada dimensão espacial e temporal, que formam uma narrativa, aproximando-se, neste caso, do conceito de enredo. Contudo, o enredo é a história, propriamente dita, e divide-se em partes: princípio, meio e fim. A diegese é um conceito de narratologia que diz respeito à dimensão ficcional de uma narrativa; é uma realidade ficcional, que se distingue de toda a realidade externa ao texto.

7 Chalhoub e Pereira (1988, p. 8) acreditam que a maior preocupação não deve ser em relação ao caráter ficcional da obra literária, mas sim com “a necessidade de destrinchar sempre a especificidade de cada um desses testemunhos”. Até porque para esses pesquisadores, a obra literária assume uma função de “testemunho histórico”, servindo para o historiador e literato como uma ferramenta para a análise do passado tanto teoricamente como metodologicamente. Em outras palavras, o historiador toma posse do documento literário para entender o momento em que a obra foi escrita e transpor para o seu estudo o objeto da análise. (CHALHOUB; PEREIRA, 1988).

sociedade em tempo de crise, em que o contexto histórico é demarcado por tonalidades trágicas e sombrias através de uma visão crítica da realidade, dando, pois, um papel importante às questões sociais, penetrando nos dilemas da personalidade humana, imergindo nas circunstâncias da interação cotidiana. Historiograficamente, a autora por intermédio dos recursos narratológicos faz uma descrição detalhada da sociedade, da política e uma análise isolada de cada personagem, sendo que os dramas coletivos são analisados separadamente. Podemos, então, assegurar que este romance foi/é um documento a favor das lutas sociais, direitos das mulheres, ideias políticas socialistas fonte de *leitura histórica*⁸ capaz de transmitir ao longo dos tempos a historicidade de um povo.

Dessa forma, o efeito que *Caminho de Pedras* provocou no meio literário foi da constatação do estilo criado por Rachel: a documentação em romance de lutas sociais sem utilizar de artifícios e sendo direta e objetiva nos diálogos e na ação, ser realista e acima de tudo fazer romance. Sua literatura caracteriza-se, a princípio, pelo caráter regionalista e sociológico, com enfoque psicológico, que tende a se valorizar e a aprofundar-se à proporção que sua obra amadurece. Seu estilo é conciso e descarnado, sua linguagem fluente, seus diálogos vivos e acessíveis, o que resulta numa narrativa dinâmica e enxuta.

Na visão de Muraca (2016) existe uma dicotomia nessas relações, sobretudo entre operários e intelectuais, sendo que na obra de Rachel de Queiroz se tem um presságio de um antagonismo mais intrincado que permeia múltiplos níveis da narrativa até chegar ao plano da subjetividade dos personagens para fazer a crítica da desigualdade num sistema capitalista anexo ao anacronismo patriarcal, abarcando nela à posição de resistência da mulher. É perceptível essa construção antagonica na perspectiva da análise de Muraca (2016)

Voltando àquele percurso macro-micro que o narrador apresenta, ao passar pelo “grupo de moças” (o artificialismo da vida burguesa), o militante Roberto logo encontra seu “grupo de amigos” revolucionários (a consciência social). No entanto, é exatamente nesse ponto que esse grupo é particularizado: a “rodinha”. É juntando as peças mais adiante na narrativa que o leitor poderá entender o motivo descrito na abertura da cena transcrita pelo qual o companheiro militante Vinte-e-Um passa por Roberto na praça fingindo não o conhecer. (MURACA, 2016, p. 3).

Apreende-se que de início na construção narratológica, o narrador expõe que Roberto não é muito bem aceito pelos companheiros porque eles tinham muita desconfiança por ele ser estudado, jornalista, homem de boas palavras. Se bem que Roberto passa a procurar por pessoas que o ajude na concretização dos objetivos que a ele foram impostos. Pelos olhos de Roberto, Rachel faz uma caracterização do espaço e das pessoas reforçando os traços pessoais. Observa-se esse aspecto no trecho: “Na praça do Ferreira, Roberto cruzou com o preto Vinte-e-Um, que passou por ele de vista erguida, sem conhecer”. (p.17).

Na teia da narrativa, Roberto conversa com os seus companheiros que já o conheciam do Rio de Janeiro, mas que não aceitaram com bom grato suas interpelações. Se bem que Felipe age diferentemente e até leva-o para conhecer a bodega de sua mãe Leonília. No decorrer do texto, Roberto é apresentado a algumas mulheres na praça e dentre elas estava Noemi que ele prontamente já providenciou de se aproximar de pronto.

Por fim, fica claro que Rachel nos mostra a sociedade de Fortaleza na década de trinta, sobretudo os aspectos histórico-sociais relevantes à construção da personagem Noemi, sobretudo a educação rígida das mulheres para um matrimônio que deveria ser indissolúvel, e que era sua responsabilidade conservá-lo, embora tivessem que reprimir seus sentimentos (DUARTE, 1999).

Sendo, assim, segundo Ribeiro (2007), essas mulheres deveriam ser beatas, donas de casa e tementes a Deus, cumpridoras dos preceitos religiosos. Havia um preconceito muito grande sobre as mulheres, principalmente nestes tipos de sociedade absolutamente fechada para seus direitos e

⁸ Antonio Cândido (2009, p. 31) é fatídico ao afirmar que “[...] o ponto de vista histórico é um dos modos legítimos de estudar literatura, ou seja, o leitor/receptor é, antes de tudo, um leitor histórico, cuja capacidade interpretativa, mostra-se condicionada a um dado contexto. (CECHENEL, 2013, p. 107).

seus desejos de emancipação.

A participação da mulher e a sua atuação nas lutas operárias

É interessante ressaltar que Rachel de Queiroz em seu romance apresenta a fundação de uma célula do PCB (Partido Comunista Brasileiro), ou seja, Fortaleza se converte em uma cidade de luta e defesa das classes oprimidas que tentam se erguer contra a estrutura social capitalista. Rachel descreve os dramas, as lutas, as reuniões dos comunistas, as prisões, as torturas e seus comícios.

Todo esse *trançado* literário e social está presente na personagem Noemi, que é uma mulher casada e cheia de ideais, trabalha numa Fotografia e é casada com João Jaques, tendo um filho dele, chamado de Guri. Por isso, ela diz para Roberto que estranha sua aproximação e se afasta dele. Coincidentemente outros companheiros o levam para conhecer nada menos que João Jaques que o chama para jantar em sua casa. Ele fica surpreso em vê Noemi e encanta-se com o Guri. João Jaques o recebia em sua casa, já que ela também participava das reuniões e cursos, embora seu marido não concordasse porque ela estava lutando à toa.

Mas, Noemi ficou bastante entusiasmada com muita vontade e expectativa de lutar pelas causas da classe. Roberto é cada vez mais presente à casa de Noemi e Felipe percebe o ar de paixão entre eles, inicialmente dele. E depois, dela em relação a Roberto quando ele é preso.

O preço da felicidade com Roberto: o olhar preconceituoso e excludente da sociedade devido à atitude de separação de Noemi

Chega o momento de clímax no romance em que Noemi fica numa situação muito complicada, pois decide deixar seu marido para ficar com Roberto de quem estava gostando. Roberto a pressionava e cobrava que ela falasse logo com ele. Mas ela não consegue, pois refletiu sua relação com João Jaques que nunca a tratou mal e preocupa-se com o filho.

Como vemos na seguinte passagem: “Estavam à mesa do café. Noemi fazia o Guri comer, o marido fumava, quebrando a cinza do cigarro na borda do pires. Impossível recordar como o outro começou a falar a dizer que gostava da mulher dele, que todos sofriam terrivelmente por isso e era preciso uma solução... João Jacques o olhou na cara, cheio de desprezo, de coisas más concentradas e furiosas”. (p.66).

No fundo do poço: o novo retrato de Noemi diante de suas atitudes contrárias aos preceitos da sociedade

A partir daí ver-se a degeneração da vida de Noemi, porque ela pensava que ao deixar seu marido, e ficando com o outro tudo ficaria bem, mas não foi bem assim. Muitos começaram a tratá-la diferente até no emprego, ela foi cobrada que deveria ser mãe de família e deixasse de lado essas ideias e ações no movimento. Enfim, ela fica desempregada, sendo sustentada por Roberto.

Como nota-se em: “Muito se comentou na rodinha da praça... Em geral condenavam Noemi... Na fotografia a coisa também mudou. Guiomar arranjava pretextos para não saírem mais juntas”. (p. 71). Só que o trágico acontece, seu filho, o guri, começa até uma febre aguda e chega a falecer, isso é fatal para desestruturar seu psicológico e emocional. Desacreditada Noemi tem uma perda muito grande, o filho que tanto lutou com João Jaques para ficar.

Além disso, Noemi afunda-se numa solidão absoluta – pois seus caminhos cada vez ficavam mais pedregosos – perdeu João Jaques, o menino, e também Roberto, ficou sozinha, ou melhor, ficou grávida de Roberto, este que preso fora em seu lugar por causa das atividades da organização. O quadro de vida de Noemi cada vez ficava mais caótico, porque estava grávida e sem emprego dependendo apenas da caridade de morar na casa da mãe de uns dos companheiros, mas ela ficou bastante decepcionada, pois o grupo de lutas ia partindo para outros lugares: Quixadá e Russas, por exemplo.

Pode-se afirmar que Rachel constrói uma personagem muito determinada e participativa nas questões de seu meio como - política e socialismo assuntos que uma mulher deveria estar ausente. Mas Noemi e outras companheiras tinham a determinação de cumprir suas obrigações e deveres para com os planos da organização.

A tentativa de um desfecho: o novo *Caminho de Pedras de Noemi*

Por fim, num desfecho do enredo vemos como Noemi vive solitária e numa situação de penúria, como nos diz Rachel na expressão interrogativa de Noemi: “Para que lembrar agora os dias de desespero, se sentindo sozinha e abandonada, sem dinheiro, sem emprego? Afinal, depois de semanas terríveis, inúteis, conseguira se arranjar numa casa de roupas brancas. Costurava o dia todo, curvada numa máquina...”. (p.96).

Noemi, sem dúvida, representou e representa ainda a luta constante de muitas mulheres que acreditam em seus sonhos e projetos e se esforçam bastante para consegui-los ainda que haja consequências sociais e pessoais gritantes, porém a certeza de um ideal as levam a caminhos tortuosos, escabrosos e difíceis, embora seja necessário percorrê-los.

Considerações finais

A partir das análises e das correlações histórico-sociais que elucidamos na obra *Caminho de Pedras* fica evidente o qual é importante considerarmos o texto literário como objeto estético de “testemunho histórico” capaz de fomentar discussões acerca de produções dos saberes literários e históricos marcados por interesses de grupos ideologicamente centrados nas lutas de classes devido a exploração das relações de trabalho, as complexas relações sociais e políticas oriundas de atividades culturais de um determinado segmento da sociedade civil abastada em função dos grupos sociais aviltados em seus direitos e garantias fundamentais.

Nesta obra, construímos uma visão local e nacional a partir da *leitura crítica* das relações históricas, culturais e de práticas letradas da época, sobretudo dos sujeitos sociais que eram excluídos do acesso aos bens culturais advindos do conhecimento sistematizado socialmente. Por consequência das análises e discussões empreendidas ficou claro os reflexos caracterizadores das personagens, sendo que todos aqueles suplícios marcariam a vida das personagens, sobretudo Noemi que a partir daqueles momentos, viveria recorrentemente se lembrando das três pessoas que tanto foram importantes em sua vida: João Jaques, Guri (seu filho) e Roberto todos agora longe de sua presença.

Noemi, por fim, representa muito bem à alma e à determinação em cumprir seu dever como militante de uma causa que era maior que a vida que ela tinha, sendo, pois um reflexo de seus ideais por liberdade e expressão de seu pensamento diante de uma sociedade machista e capitalista. Dessa forma, fica notório que esse romance é um documento a favor das lutas sociais, direitos das mulheres e ideias políticas socialistas. Logo, a implicação que *Caminho de Pedras* provocou no meu literário foi da constatação do estilo criado por Rachel: a documentação em romance de lutas sociais sem usar de estratégias e, sendo direta e objetiva nos diálogos e na ação, procurando ser realista e construindo uma obra de um valor estético-literário inimaginável.

Chegou-se, portanto, à conclusão de que Noemi diante desse monólogo de vida passaria a ter uma trajetória de vida muito precária, como vemos nesse excerto: “Pisou em falso numa pedra solta” (p. 96). Embora, esse pessimismo por enfrentar tantos problemas, o fruto do amor de Noemi e Roberto, era ainda o que a estimulava a viver e a lutar por dias melhores e por seus sonhos. Neste momento, finalmente, surge o fruto de esperança e de que a luta ainda continua apesar dos caminhos difíceis e escabrosos não apenas dela, Noemi, mas de todas as mulheres que necessitam se impor político e socialmente diante de uma sociedade misógina e patriarcal em que os valores e costumes, objetivam relegar a mulher um papel de submissa, alienada política e incapaz de cuidar de si e dos seus, de seu destino e com isso impossibilitar as mulheres de projeta-se politicamente nas lutas de classes, visando a construção de um espaço democrático na qual suas vozes sejam respeitadas e ouvidas sem o ranço preconceituoso e a constante violência simbólica temporalmente marcada na história das sociedades e que ainda infelizmente está presente na contemporaneidade.

Referências

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Questões de Literatura e de Estética**. (Trad. Aurora F. Bernardini). São Paulo: Hucitec/Anablume, 2010.

CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos**. 12. ed. Rio de Janeiro:

Ouro sobre Azul, 2009.

CHALHOUB, Sidney. Diálogos políticos em Machado de Assis. In: CHALHOUB; S. PEREIRA, L. **A História contada: capítulos de História social da literatura no Brasil.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

CECHENEL, André. Teoria literária e o ensino da literatura: impasses. **Educação** (Porto Alegre, impresso), v. 36, n. 1, p. 107-114, jan./abr. 2013.

DUARTE, Eduardo de Assis. Rachel de Queiróz: mulher, ficção e história. In: BAUAD, Silvia (org). **Mulheres: cinco séculos de desenvolvimento na América.** Belo Horizonte: FIFCH, 1999, p. 384-390.

GENETTE, Gerard. **Discurso da narrativa.** (Trad. Fernando Cabral Martins). Lisboa: Veja, 1971.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade.** (Trad. Fernando Luis machado e Maria Manuela Rocha). 3. ed. Oeiras: Celta Editora, 1996.

MOISÉS, Massaud. **Dicionário de termos literários.** São Paulo: Cultrix, 1995.

_____. **A análise literária.** São Paulo: Cultrix, 2007.

MONTENGRO, Olívio. **O romance brasileiro.** 2. ed. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1953.

MURACA, Márcio Henrique. Uma visão de *Caminho de pedras*, de Rachel de Queiroz. **Arquivo Maaravi: Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG.** Belo Horizonte, v. 10, n. 18, maio 2016. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/maaravi/article/view/10613/pdf>. Acesso em: 30 de abr. 2017.

PAIVA, Francisco Jeimes de Oliveira; FERNANDES, Liduína Maria Vieira. A construção da personalidade de Mariano no discurso literário em *O Galo de Ouro*, de Raquel de Queiroz. **Revista Literatura em Debate**, v. 6, n. 10, p. 151-164, ago. 2012.

QUEIROZ, Rachel de. **Caminho de pedras.** 10. ed. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1987.

RIBEIRO, Lilian Adriane dos Santos. Luciérnagas em caminhos de pedras: o estético e o político como alternativa de transgressão. In: XII Seminário Nacional e III Seminário Internacional Mulher e Literatura do GT Mulher e Literatura da ANPOLL, 1. 2007. **Anais...** Bahia: UESC, 2007. p. 14-23.

XAVIER, Gláucia. Estrutura, desenvolvimento e níveis na *diegese*: um estudo narratológico da obra *Antônio*, de Beatriz Bracher. **SOLETRAS – Revista do Departamento de Letras da FFP/UERJ**, Número 28 (jul.-dez 2014). Disponível em: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/soletras/article/view/13115>. Acesso em 30 de abr. 2017.

Recebido em 14 de outubro de 2017.

Aceito em 11 de dezembro de 2017.